



INFORMATIVO

# ABRAVAS

## Doenças Infecciosas e Animais Selvagens

As doenças infecciosas em animais selvagens são eventos absolutamente naturais. Ou seja, em condições normais, as relações de parasitismo, considerando aqui o sentido mais amplo do termo que inclui macro e microparasitas, são partes integrantes dos ecossistemas da mesma forma que as relações de predatismo, comensalismo e outras mais. Devemos assumir então que em vida livre, animais sempre adoeceram e morreram, seja de forma direta ou indireta, em consequência de doenças infecciosas, sem que em geral macropopulações chegassem a ser ameaçadas. Na verdade estudos demonstram que ao contrário do que inicialmente tende-se a acreditar, ao longo do tempo, em um ambiente equilibrado, a relação hospedeiro-parasita pode contribuir para o incremento da variabilidade genética tanto de hospedeiros como de parasitas. Sendo assim, podemos imaginar que doenças endêmicas ou mesmos epizootias, participam do processo evolutivo das espécies animais e dos próprios ecossistemas.

O atual estágio de degradação ambiental e ameaça aos ecossistemas traz necessariamente novas considerações sobre o papel das doenças infecciosas e neste sentido dois aspectos mostram-se muito importantes: conservação das espécies e saúde pública. Embora estes problemas tenham uma gênese multifatorial, podemos identificar em ambos, elementos comuns, ligados a redução das áreas naturais e ao avanço da civilização humana. Ao considerarmos que a destruição progressiva dos habitats traz consigo uma redução das populações de animais selvagens, devemos levar em conta que tanto os efeitos demográficos, ou seja, a diminuição do número de indivíduos propriamente dita, quanto a perda da variabilidade genética que isto acarreta, tornam-se importantes predisponentes para que as doenças infecciosas assumam um papel preponderante no desaparecimento de populações ou espécies. Quando somamos a isto a possibilidade de adensamento populacional e de aumento da exposição a animais domésticos, poluição, alterações de macro ou microclima entre outras, podemos imaginar um cenário preocupante.

De forma análoga estes mesmos fatores podem acarretar uma exposição aumentada dos seres humanos aos animais selvagens e conseqüentemente a seus patógenos, possibilitando o surgimento das doenças emergentes ou re-emergentes. Ou seja, ao entrar na área de abrangência

dos ciclos naturais de determinadas doenças pode o homem ser infectado, adquirir a doença e até (quem sabe?), atuar como um reservatório. Este é o caso da Febre Amarela, que tem se mantido nas Américas em seu ciclo selvático, mas que entre outras coisas por ação deste mecanismo, vem recentemente fazendo vítimas humanas e ameaçando urbanizar-se, fato que tem gerado grande preocupação para a população em geral e para as autoridades de saúde, bem como consumo de importantes recursos públicos.

Ainda neste exemplo, sabe-se que atualmente surtos de febre amarela em determinadas regiões do sul e sudeste do país tem levado a óbito centenas de macacos, principalmente Bugios (*Allouatta* sp) e Saguis (*Callithrix* sp). Não há a noção exata se estes são episódios isolados ou não ou ainda qual é o impacto destes eventos para as populações locais, para as espécies propriamente ditas ou para outras espécies de primatas. Até o momento o que sabemos é que as mortes vem ocorrendo entre animais de espécies comuns (abundantes), com populações de tamanhos razoáveis, mas estes dois gêneros possuem espécies ameaçadas de extinção com populações reduzidas e de certa forma distribuídas em áreas fragmentadas e próximas a centros urbanos e vias de importantes de circulação humana.

O que se vê é que este padrão que envolve conservação ou saúde pública se reproduz em diversos pontos do planeta com “hospedeiros e parasitas” variados. Surtos de cinomose e raiva, dizimaram importantes populações de Cães Selvagens Africanos (*Lycaon pictus*), fungos do gênero *Batrachochytrium* sp vem a alguns anos reduzindo drasticamente os anfíbios da América Central e da Oceania enquanto que a SARS ameaça a civilização humana com uma nova pandemia.

Os exemplos são muitos e a solução não é simples e ainda demandará extensos esforços e recursos. Todavia é importante que tenhamos clara a importância de nosso papel e também da necessidade de não se permitir o caminho fácil da “criminalização” dos animais selvagens. A população precisa saber que Febre Amarela não é culpa do macaco, a Febre Maculosa não é culpa da capivara e a Gripe Aviária não é de responsabilidade das aves migratórias.